



Sâmara Araújo Costa\*

## RESUMO

Neste trabalho apresentaremos como Merleau-Ponty desenvolve o problema mente-corpo tratando do que é a consciência incorporada. Exporemos como sua descrição fenomenológica confronta visões empiristas-intelectualistas e como dissolve o problema. Para tal, o foco de nossa reflexão se concentra em concepções de consciência situada e de consciência pré-reflexiva. Lidamos com o caso do Membro-Fantasma para clarificar o problema e, por fim, como um modelo de consciência incorporada e não dualista.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty. Consciência incorporada. Problema mente-corpo. Filosofia da mente. Filosofia da percepção.

## Merleau-Ponty and the mind-body problem

## ABSTRACT

In this paper we will present how Merleau-Ponty develops the mind-body problem by dealing with what embodied consciousness is. We will show how his phenomenological account confronts empiricist-intellectualist views and how it dissolves the problem. To this end, we focus on conceptions of situated consciousness and pre-reflective consciousness. We deal with the case of the Ghost Member to clarify the problem and, ultimately, as a model of embodied, non-dualistic consciousness.

**Keywords:** Merleau-Ponty. Embodied consciousness. Mind-body problem. Philosophy of mind. Philosophy of perception.

## Introdução

Para conhecer a consciência, é preciso descrevê-la. Afirmar que existimos como corpo e consciência seria uma descrição clássica, mas é assim que nos experienciamos como homens? Com a intenção de descrever a experiência que temos com o nosso próprio corpo, Merleau-Ponty entra em confronto com filosofias que abordam a experiência consciente, sejam estas mais racionalistas ou empiristas. Não reconhecendo que as respostas dadas por elas correspondam ao real, como por exemplo, a descrição cartesiana, cuja concepção somos uma coisa pensante, nossa consciência é afirmada como pensamento, como pessoal, intelectual, ou quando somos uma consciência corpórea pura que apenas responde aos estímulos que recebemos do mundo exterior. Giles diz:

Sob o plano do conhecimento essa antinomia se resolve na contraposição empirismo-intelectualismo, que para Merleau-Ponty representa dois momentos complementares da experiência perceptiva. Para fazer justiça à nossa experiência direta das coisas, seria necessário afirmar ao mesmo tempo, contra o empirismo, que essas são mais que as suas manifestações sensíveis, e contra o intelectualismo, que são unidas da ordem do juízo e que elas se encarnam nas suas aparências. As coisas se oferecem à percepção sempre através de uma mediação prospectiva a qual traduz o fato de pertencermos a um corpo, a nossa inerência numa situação espaço-temporal que não se define nem em termos de pura consciência, nem em termos de objetividade (Giles, 1979, p. 139).

O pensamento objetivo que nos oferece descrições com viés científico não trata de uma significação que é um movimento da consciência e que a fenomenologia de Merleau-Ponty pretende mostrar. Em sua obra *A estrutura do Comportamento* podemos ver tal tentativa de ultrapassagem de uma linguagem objetiva que não revela a vivência:

Falando de conhecimento e conseqüentemente de consciência, não construímos uma metafísica da natureza, limitamo-nos a nomear, como devem ser nomeadas, as relações entre o meio e o organismo tais como a própria ciência as define. Reconhecendo que os comportamentos têm sentido e dependem do significado vital das situações, a ciência biológica se proíbe concebê-los como coisas em si que existiriam, *partes extra partes*, no sistema nervoso ou no corpo, vê neles dialéticas encarnadas que se irradiam num meio que lhes é imanente. Não se trata, como muitas vezes dissemos, de retornar a uma forma qualquer de vitalismo ou de animismo, mas simplesmente de reconhecer que o objeto da biologia é impensável sem as unidades de significado que uma consciência nele encontra e nele vê se desenvolver (Merleau-Ponty, 2006, p. 251).

Em Merleau-Ponty são muitas as abordagens de um corpo vivo, abrangendo variadas perspectivas: fisiológica (biológica), racional (psíquica), imaginativa, emocional, incluso quando usa casos patológicos que informam nesta contraposição. Há em suas descrições as aparências de um homem (pessoal e impessoal) que não está separado de um mundo cultural e tampouco do que entendemos como natural. Os casos abordados são fornecidos por psicólogos e muitas vezes acenam para a própria descrição do autor quanto a percepção. Ele aponta que nossa experiência não é dicotômica quando percebemos e este seria um aspecto da consciência, voltada para o mundo e para si, descrição muito mais rica por demonstrar um sistema integrado de relações entre nós e o mundo.

A experiência que Merleau-Ponty descreve quer fazer desaparecer o problema mente e corpo ao examinar como lidamos com a experiência, ou quando pensamos que tal problema só é colocado pela própria experiência intelectual. Na experiência direta com o mundo não há problema mente e corpo, pois a consciência está ancorada num corpo que se relaciona com o mundo. Podemos inferir primeiramente que a consciência está sempre situada, incorporada e que trata primordialmente de uma consciência perceptiva. Como vemos tanto em Merleau-Ponty como num dos seus investigadores:

A reflexão nunca se impele para fora de qualquer situação, a análise da percepção não faz desaparecer o fato da percepção, a ecceidade do percebido, a inerência da consciência perceptiva a uma temporalidade e a uma localidade (Merleau-Ponty, 1999, p. 73-74).

Sendo assim,

Definir a consciência pelo pensamento que ela tem de existir, identificar o “eu penso” e o “eu existo” como verdades e certezas equivalentes é insuficiente e pressupõe referir meu pensamento ou consciência de existir à vida efetiva do meu corpo. A consciência não reside na imanência psicológica ou na inerência dos fenômenos aos estados particulares de consciência, em uma espécie de contrato cego da sensação consigo mesma, como pretende o empirismo (Sombra, 2006, p. 128).

Assim, a consciência é sempre perceptiva porque está situada num corpo em relação com o mundo. Dito isto, explicitaremos a importância da noção de situação para a consciência perceptiva em Merleau-Ponty.

## Consciência perceptiva situada

A noção de situação envolve o conhecimento de um corpo imerso e que desenvolveu habilidades perceptivas espaço-temporais, e como afirma o autor, revela uma aprendizagem e sedimentação para nos colocarmos diante do mundo e agirmos nele. Os sentidos dados aos reflexos estão envoltos por uma situação que não remete a um conhecimento intelectual puro. A consciência também não recebe e responde a estímulos, como diriam os behavioristas. O encontro da consciência com o mundo é de imersão, e não por meio apenas de um cérebro que processa informações em forma de pensamentos, já que não são nossas ideias que encontram com o mundo, mas nosso corpo que o habita. Como vemos em seu texto, “a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central” (Merleau-Ponty, 1999, p. 114).

Um apontamento importante é que não podemos pensar a consciência em termos periféricos ou centralizados, mas em sua fenomenologia há um corpo que se manifesta nas relações que o mundo proporciona (mundo circundante – *Umwelt*), experiência que é integradora. Como adverte o autor: “Ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (Merleau-Ponty, 1999, p. 142).

Quando Merleau-Ponty pensa no corpo e na consciência, destaca que há algo que é previamente dado pelas interações destes com o mundo, o que remete a um organismo vivo que não pode ser reduzido às suas funções fisiológicas, mas trata-se de um “complexo inato” (Merleau-Ponty, 1999, p. 125). A nossa relação com o mundo se firma através de um corpo que revela a consciência, que se coloca em situação com uma função simbólica que abarca uma existência pessoal e impessoal. Os movimentos do corpo não são inspecionados todo o tempo pelo pensamento, eles adquirem um sentido já dado pelo corpo consciente, de modo que dentro da tradição fenomenológica, a intencionalidade é marcante na estrutura da consciência. Em nosso autor, ela adquire um caráter muito mais motor, mas não vamos tratar deste ponto.

Dito isto, na mesma linha de outros fenomenólogos como Heidegger e Husserl, nosso autor quer nos voltar para o mundo das coisas, no qual o corpo está voltado para sua própria situação e seu campo de atuação. Assim ele afirma: “A experiência perceptiva nos mostra [...] que ser é sinônimo de ser situado” (Merleau-Ponty, 1999,

p. 339). Colocar-se no mundo com um corpo que percebe já é colocar-se em situação, isso implica em dar sentido, significação ao que se vive. Como vemos no autor:

Sou eu quem tem a experiência da paisagem, mas tenho consciência, nessa experiência, de assumir uma situação de fato, de reunir um sentido esparso por todos os fenômenos e de dizer aquilo que eles querem dizer de si mesmos (Merleau-Ponty, 1999, p. 355).

A significação que remete à situação não é apenas intelectual, mas corporal, motora. A noção de situação envolve este conhecimento de um corpo imerso e que desenvolveu habilidades perceptivas espaço-temporais, e como afirma o autor, revela uma aprendizagem e sedimentação corporal no mundo, ambos prontos para a ação. Até mesmo nossos movimentos corporais por reflexo, para Merleau-Ponty, possuem sentido e estão relacionados ao que o autor chama de *visão pré-objetiva*, que desenvolveremos brevemente a seguir, por ser uma importante relação da consciência com o mundo na fenomenologia merleau-pontyana.

### **Consciência Pré-reflexiva**

O contato pré-reflexivo seria uma ligação primordial e natural com o mundo que não é uma relação de estados de consciência passivos, mas um trabalho da percepção que retoma a noção de uma significação motora entre o corpo e o mundo. Como já vimos, quando o autor sugere que o intelectualismo toma a consciência de uma perspectiva interna e o empirismo externa, quando a visão pré-objetiva entra em jogo, esses vetores são conectados. Esta consciência incorporada a uma visão pré-objetiva acena para um engajamento em que não há mais a distinção entre psíquico e fisiológico (Merleau-Ponty, 1999, p. 119), já que a descrição intelectualista e empirista não satisfaz como modo de ser no mundo. Como diz Priest, Merleau-Ponty faz uso desta noção quando assumimos a noção de situação antes mesmo da reflexão. Assim, a ação pré-reflexiva deixa de sê-lo quando refletimos sobre ela (Siewert, 2012, p. 67). Carman analisa Merleau-Ponty comparar esta noção com o comportamento da criança, como podemos ver: “That naive mentality of the child, Merleau-Ponty believes, harbors a wisdom of its own precisely in virtue of its prereflective, pretheoretical phenomenal integrity, which survives vestigially but

unmistakably beneath the cognitive accretions of self-conscious maturity” (Carman, 2008, p. 61).

Ele também insiste em como Merleau-Ponty contrapõe a experiência pré-reflexiva com as visões racionalistas e empiristas realçando o papel do corpo nesta:

For Merleau-Ponty, the relation between perception and the body is neither causal nor conceptual, for those two categories are not the only two ways in which the coincidences and dependencies between the body and perceptual experience are intelligible to us. Instead, traditional concepts pertaining to perception are parasitic on a more basic understanding we have of ourselves in virtue of being embodied perceivers. We have a prereflective understanding of our own experiences, not as causally or conceptually linked to our bodies, but as coinciding with them in relations of mutual motivation. To say that perception is essentially bodily is to say that we do not and cannot understand it in abstraction from its concrete corporeal conditions (Carman, 2008, p. 81).

Assim, quando nos posicionamos pré-reflexivamente, é o corpo que aparece numa relação mais natural com o mundo, de modo que a consciência reflexiva não emerge e nem se coloca como um problema neste momento. Exemplos de situações em que nos colocamos pré-reflexivamente também estão relacionados com atividades que envolvem hábitos e experiências impessoais.

Charles Siewert (2012) afirma que Merleau-Ponty é atraído pela ideia que remete também a Husserl de que a percepção espacial ordinária é ligada a um tipo de consciência pré-objetiva, ou pré-reflexiva. Esse tipo de atitude é, antes de tudo, um modo de estar consciente e corporalmente no mundo como sujeito-corpo (Siewert, 2012, p. 91). Também analisa como Merleau-Ponty destaca a consciência em termos gradativos, seja consciência sensorial, emotiva, volitiva, e sobre cada uma delas nossos juízos são passíveis ao erro e às dúvidas, sempre baseados num fundo perceptual e cultural (Siewert, 2012, p. 92).

A consciência em Merleau-Ponty não é da ordem do “eu penso”, mas do “eu posso” (Merleau-Ponty, 1999, p. 192), tendo o poder de dar sentido aos objetos, aos próprios movimentos, dados sensíveis que são ordenados, harmonizados num corpo inteiro:

Há, portanto, uma certa consistência de nosso “mundo”, relativamente independente dos estímulos, que proíbe tratar o ser no mundo como uma soma de reflexos — uma certa energia da pulsação de existência, relativamente independente de nossos pensamentos voluntários, que proíbe tratá-lo como um ato de consciência. E por ser uma visão préobjetiva que o ser no mundo pode distinguir-se de todo processo em terceira pessoa, de

toda modalidade da *res extensa*, assim como de toda *cogitatio*, de todo conhecimento em primeira pessoa — e que ele poderá realizar a junção do “psíquico” e do “fisiológico” (Merleau-Ponty, 1999, p. 119).

## A consciência corporal impessoal

Assim, o que chamamos de consciência passa a ser muito mais uma relação corpo-percepção-ação. Essa relação, para Merleau-Ponty, pode se dar de forma ambígua. O impessoal aparece num engajamento natural com o mundo, do corpo ancorado, situado num campo fenomenal. Quando pensamos em um desenvolvimento cognitivo que foi adquirido com as vivências, que remete ao primeiro momento em que abriu os olhos e sentiu o mundo à sua volta, a própria ideia de desenvolvimento cognitivo é sempre retomada, atualizada pelo que abrangeria a consciência.

Essa concepção trata de um esquema corporal adquirido, uma noção de corpo próprio que corresponde ao desenvolvimento de um corpo em suas relações com o mundo. O encontro com o mundo intelectual se dá num nível pessoal, e a consciência perceptiva nem sempre é como afirmou Descartes, esta coisa pensante que ainda possui um eu. Para Merleau-Ponty, há um engajamento impessoal proveniente de lidar com um mundo pré-objetivamente.

Assim, em torno de nossa existência pessoal aparece uma margem de existência quase impessoal, que é por assim dizer evidente, e à qual eu reporto o zelo de me manter em vida, em torno do mundo humano que cada um de nós se faz, aparece um mundo em geral ao qual é preciso pertencer em primeiro lugar para poder encerrar-se no ambiente particular de um amor ou de uma ambição (Merleau-Ponty, 1999, p. 125).

Essa experiência impessoal dissolve, em certa medida, o problema da consciência, porque não se coloca num movimento puramente intelectual. A consciência envolve ação, engajamento no mundo, ela não é passiva. Muitas concepções que temos do que é a consciência não abarcam a complexidade do fenômeno, como ocorre, por exemplo, com as teorias causais. Como afirma Priest, o problema mente-corpo é de alguma maneira resolvido por Merleau-Ponty, pois é clarificado resolvendo as confusões das possíveis descrições do fenômeno:

Merleau-Ponty's solution to the mind-body problem is phenomenological. Phenomenological solutions to philosophical problems consist in describing

the conditions within experience which make the thinking of the problem possible. It is then shown either that the obtaining of these presuppositions is inconsistent with putative solutions to the problem or that the problem itself is a product of reflecting on experience incorrectly. Merleau-Ponty's solution to the mind-body problem may be accurately subsumed under both these descriptions (Priest, 1998, p. 66).

A descrição merleau-pontyana que dissolve o problema mente-corpo diz de uma experiência do corpo que distingue “corpo objetivo” e “corpo próprio”. O corpo próprio revela como realmente sentimos o nosso corpo, não como um objeto, não como uma máquina e tantas outras descrições, incluso a que é feita pela ciência. É realmente o corpo sentido, muitas vezes de forma ambígua, de direção para si, para o mundo.

### **O que a experiência do membro-fantasma revela para o problema da consciência?**

Uma das descrições pontuais para entendermos melhor o que é consciência para Merleau-Ponty é a do membro fantasma. Já usada em Descartes, quando não soube tratar o problema da união corpo-alma e a atribuiu a mais um dos mistérios divinos (Descartes, 1983, p. 149, nota 188). Na *Fenomenologia da Percepção*, o autor descreve o quanto lesões corporais alteram percepções que pensávamos ser puramente localizadas e fazem parte de um todo que está “harmonizado” (Merleau-Ponty, 1999, p. 114).

Ao recorrermos à descrição do que se passa a um paciente que sente um membro fantasma, não podemos buscar uma explicação dividida entre o que seria fisiológico e psicológico. O órgão não está mais lá e o paciente o continua sentindo, com a memória da dor antes de perdê-lo. Poderíamos pensar que os sensores no coto ainda estão estimulados, ou que por passarem processo traumático, a lembrança do membro continua muito forte, trazendo efeitos físicos, o que seriam explicações fisiológicas e psicológicas que se encontram num mesmo corpo que se comporta de maneira ativa no mundo. Sacrini (2006, p. 84) afirma que como há “mistura de causalidade fisiológica e histórica pessoal, o membro fantasma é um caso exemplar de uma comunhão profunda entre o somático e o psíquico”. Não é possível passarmos de uma explicação periférica para uma central, por exemplo, ou tampouco pensarmos numa explicação “mista”, como vemos em Merleau-Ponty: mas uma teoria central

nada nos faria ganhar se às condições periféricas do membro fantasma ela só acrescentasse traços cerebrais. Pois um conjunto de traços cerebrais não poderia representar as relações de consciência que intervêm no fenômeno (Merleau-Ponty, 1999, p. 115).

Merleau-Ponty quer nos dizer que há também um componente psíquico implícito. Quando médicos anestesiaram o coto a dor ainda permanece, sendo umas das mais difíceis de serem tratadas. Neurologistas como Ramachandram propuseram uma nova resolução do membro fantasma se baseando na hipótese de ocorrência de plasticidade axônica, em que a extremidade amputada se tornou inativa por falta de impulso, e a representação do membro ainda permanece na circuitaria do cérebro que precisa ser modificada. Nesse sentido, haveria uma explicação fisiológica que seria compatível com a hipótese de plasticidade axônica no adulto, mas estes estudos ainda não são conclusivos.

Outra neurocientista brasileira diz sobre o membro fantasma: “os fantasmas, portanto, não são pura imaginação, mas sim produtos de um cérebro que muda com a nova realidade, mas não esquece suas imagens passadas” (Lent, 2003, p. 162). Merleau-Ponty entende que o cérebro primeiramente está localizado num corpo que interage com o mundo e que não esquece como se relacionava com ele. Esse complexo inato adquirido num ambiente, que Merleau-Ponty chama de “campo fenomenal”, sedimentou uma relação com o mundo através do corpo. Havia um certo modo de lidar com as coisas e com o corpo. A consciência aparece atualizando, retomando, significando toda esta experiência de entrelaçamento. O mundo continua chamando o corpo do paciente para agir de acordo com o que foi adquirido. Esta seria uma ideia de “esquema corporal” que Merleau-Ponty nos descreve muitas vezes, essa experiência impessoal, e ao mesmo tempo com “função simbólica”, revela o “estilo” de cada um de se engajar no mundo. Essa função simbólica é muito menos “consciência reflexiva”, como vimos anteriormente, com “significação prática” e “significação motora”.

Assim, o que Merleau-Ponty quer integrar diz respeito não somente ao cérebro e ao corpo, como quando diz “a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central” (Merleau-Ponty, 1999, p. 114). Trata-se muito mais de um entrelaçamento do corpo com o mundo, um corpo situado e integrado.

## Conclusão

Sabemos que é muito mais viável atualmente termos uma concepção mais integradora da mente, apesar de entendermos como ainda existem crenças enraizadas que remetem às filosofias que Merleau-Ponty enfrentou com sua fenomenologia. Existem tentativas eliminativistas sobre tais crenças “*folk psychology*” para entendermos melhor o que é a consciência. Também sabemos que toda a redução fisicalista tratada pela ciência, como por exemplo, mapeamentos do cérebro (propriedades físicas x comportamento), não a explicam. Por outro lado, acreditamos que estas ciências podem atingir maturidade, incluso vemos que a Neurociência é uma disciplina totalmente interdisciplinar a partir da qual é possível ampliar a visão das pesquisas.

O trabalho fenomenológico de Merleau-Ponty sempre esteve atrelado a outras descrições, seja de psicólogos, seja de cientistas. Seu pensamento é rico por ser capaz de criar conexões para chegar à experiência de uma maneira mais totalizante. Incluso nos casos de psicologia experimental, Merleau-Ponty entrava em contato com o relato de pacientes que perderam parte do cérebro, mas lembrando que a descrição do fenômeno se torna muito mais repleta porque ele a vê sob tantas perspectivas. Não é possível abandonar perspectivas naturais, culturais, corporais, entre outras. Assim, usou da interação entre biologia, cultura e história (pessoal e coletiva) para partir para uma noção mais sistemática da complexidade dos fenômenos.

Diante disso, temos como exemplo o pensamento de Merleau-Ponty, que trabalhou para o desenvolvimento da fenomenologia de maneira integradora. Pensamos que se estivesse vivo, Merleau-Ponty não estaria dizendo que há problemas misteriosos que não podem ser resolvidos – a consciência –, mas tratando de descrever a experiência acoplando em seu pensamento perspectivas psicológicas, como sempre fez, crítico de um pensamento científico, porquanto este também seria visto e enriquecido quando trazido para uma interpretação que atende ao entendimento do fenômeno que buscamos. A principal característica da sua fenomenologia é que esta parece mais prática que outras filosofias, pois trata de descrições do homem em situação, e ainda interpreta o pensamento científico, pois sozinho ele não nos diz da experiência total. Na filosofia da mente, seus pesquisadores devem encarar com otimismo o desafio de trabalhar com a

Neurociência, a Neurofilosofia, a Neuropsicologia e outros campos da ciência nos quais a teoria encontra a prática para buscar uma descrição cada vez mais abrangente.

## Referências

CARMAN, T. Body and World. *In: Merleau-Ponty*. New York: Routledge, 2008.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. Trad. Bento Prado Jr e Jacó Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

FERRAZ, M. S. A. **O transcendental e o Existente em Merleau-Ponty**. São Paulo: Ed. Humanitas; Fapesp, 2006.

GILES, T. R. **Crítica Fenomenológica da Psicologia Experimental em M. Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios**. São Paulo: Artmed, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **A Estrutura do Comportamento**. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SIEWERT, C. Consciência. *In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (Orgs.). Fenomenologia e Existencialismo*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti e Luciana Pudenzi. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

SOMBRA, J. de C. **A subjetividade corpórea: a naturalização da subjetividade na filosofia de Merleau-Ponty**. São Paulo: UNESP, 2006.

PRIEST, S. Merleau-Ponty and the mind-body problem. *In: Merleau-Ponty*. London: Routledge, 1998.

Recebido: 19/12/2024  
Aprovado: 15/05/2025